

**RESENHA DO LIVRO “FUTEBOL X TEATRO:
RITO, CENA E DRAMATURGIA DO ESPETÁCULO FUTEBOLÍSTICO”**

Miguel Archanjo de Freitas Júnior¹
 Rogério de Brito Bergold¹
 Karen Vanessa Matozo Quimelli¹
 Bruno Pedroso¹

RESUMO

A presente resenha mostra a visão dos autores sobre a obra de Amorim intitulada “Futebol x Teatro: rito, cena e dramaturgia do espetáculo futebolístico” da editora Paco. Este livro é uma publicação elaborada a partir da dissertação de mestrado em Artes Cênicas da autora. Amorim trata sobre o porquê de o futebol ser considerado um esporte e não uma arte, apesar de tantos elementos cênicos que este carrega. O Livro é dividido em três capítulos: Os Universos do Futebol: dos ritos sagrados ao futebol moderno; Aspectos estéticos e elementos cênicos do futebol; Dramaturgia do futebol: do campo ao texto. Ao final os autores fazem uma consideração sobre a qualidade e recomendam a leitura do mesmo.

Palavras-chave: Literatura. Revisão. Arte.

ABSTRACT

Book review ‘Football versus theater: rite, scene and dramaturgy of the football show

This review shows the authors' views on Amorim's work called “Football versus theater: rite, scene and dramaturgy of the football show” by Paco Editorial publisher. This book is a publication drawn from the master's dissertation on Performing Arts of the author. Amorim talks about why football is considered a sport and not an art, despite of the many scenic elements that it carries. The Book is divided into three chapters: The Universes of Football: from sacred rites to modern football; Aesthetic aspects and scenic elements of football; Dramaturgy of football: from the field to the text. In the end the authors make a consideration about quality and recommend reading it.

Key words: Literature. Review. Art.

E-mails dos autores:

mfreitasjr@uepg.br
 rogerio.debrito@hotmail.com
 karenmatozo@hotmail.com
 prof.brunopedroso@gmail.com

Endereço para correspondência:

Miguel Archanjo de Freitas Júnior
 Universidade Estadual de Ponta Grossa –
 Câmpus Uvaranas
 Programa de Pós-Graduação em Ciências
 Sociais Aplicadas
 Av. General Carlos Cavalcanti, 4748, Ponta
 Grossa-PR.
 CEP: 84030-900.

1-Universidade Estadual de Ponta Grossa,
 Ponta Grossa-PR, Brasil.

RESENHA

O livro “Futebol x Teatro: rito, cena e dramaturgia do espetáculo futebolístico”, de 148 páginas publicado pela Paco Editorial em 2014, foi elaborado a partir da dissertação de mestrado de Adriana Amorim, brasileira, mestre e doutora em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), professora assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e integrante do Grupo Rebanho de Atores.

Segundo a autora, sua pesquisa parte da inquietude e do desejo de compreensão sobre o porquê de o futebol ser esporte e não arte. Assim, ela faz o seguinte questionamento: teria o futebol, além de seus elementos próprios do universo do esporte, traços que tornassem possível dizer que este é, principalmente para o brasileiro, uma espécie de espetáculo teatral?

Sua proposta é abordar “a estrutura das partidas de futebol conferindo a elas características cênicas, identificando possíveis traços dramáticos” (Amorim, 2014, p. 7), bem como compreender “como os elementos de uma partida de futebol dialogam entre si” (Amorim, 2014, p. 13), de forma a, além de realizar a comparação entre futebol e teatro, analisar o futebol enquanto atividade cultural.

No primeiro capítulo, intitulado “Os Universos do Futebol: dos ritos sagrados ao futebol moderno” é descrita a origem do futebol, principalmente sua inserção em atividades de rituais sacros e sua relação com o nascimento do teatro (Amorim, 2014, p. 19).

Essa relação é ilustrada pelo envolvimento com ritos sagrados, coletividade e competitividade. Para descrever a origem do futebol (Amorim, 2014, p. 18) foi utilizado exclusivamente o trabalho de José Miguel Wisnik¹, fato este que leva a questionamentos sobre a construção das narrativas e possíveis representações que acabam reforçando mitos e/ou gerando dúvidas sobre a trajetória histórica do futebol.

Na contextualização histórica apresentada, são empregados os termos pré-moderno e moderno com base em Wisnik. O caráter moderno aplicado ao futebol se refere

ao século XIX (Amorim, 2014, p. 25), deixando subentendido que o que ocorreu anteriormente é pré-moderno.

Porém, um dos dados relevantes revela que o início da transformação das práticas populares, reprimidas pela burguesia (Amorim, 2014, p. 23), não é datado historicamente.

Destaca-se ainda a diferenciação entre jogo e esporte, aonde se entende como jogo a prática coletiva pré-moderna envolvendo diversas subjetividades (Amorim, 2014, p. 21) e o esporte como a transformação do jogo, associado a avanços tecnológicos e científicos e perda de religiosidade.

Destarte, a obra de Wisnik acabou sendo significativa para a apresentação de um olhar literário e estético sobre o universo do futebol.

Justificando o estudo do futebol enquanto atividade cultural, este é comparado ao carnaval, pelo fato de ambos estarem relacionados à cultura popular e por suas origens, ligados à rituais sagrados, por sua constituição profana e pelos efeitos provocados em seus participantes.

Nesse contexto, a autora associa futebol ao espetáculo, tomando emprestado o conceito desse último do pensamento de cultura popular de Bakhtin, que se refere ao carnaval.

O segundo capítulo tem como título “Aspectos estéticos e elementos cênicos do futebol” e traz uma reflexão sobre o futebol ser arte ou não. São elencados seis itens que justificariam a afirmação de o futebol não ser arte – Competitividade; Ausência de produto final; Industrialização; Ludicidade no processo de criação; Conceituação de arte; Autoria da obra.

Porém a autora entende que essas definições não são herméticas, e constrói assim uma série de comparações entre o futebol e certas manifestações artísticas, onde mostra que ambos podem ser considerados, ou não, como arte.

Para um maior entendimento dos pontos propostos pela autora, detalharemos os mesmos a seguir:

- A. Competitividade: se o futebol não é arte por conta da competitividade, são encontrados traços de competitividade nos ritos sagrados que envolvem o nascimento do teatro. Apesar da

¹ José Miguel Soares Wisnik é músico, compositor e ensaísta brasileiro, professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo.

competitividade poder ocorrer entre obras – peça de teatro ou composição musical – e não dentro da obra como no caso do futebol, esse argumento é frágil para sustentar que o futebol não é arte (Amorim, 2014, p. 38).

- B. Ausência de produto final: outro argumento frágil, pois o futebol “se encerra em si mesmo e enquadra-se num limite espaço-temporal definidos” (Amorim, 2014, p. 38).
- C. Industrialização: apesar desse fenômeno afastar o futebol das atividades de subjetivação da existência (Amorim, 2014, p. 40), essa industrialização não é exclusividade dele. Como exemplo, cita-se a comparação do cinema comercial e cinema cultural.
- D. Ludicidade no processo de criação: com o passar dos anos, o futebol – pensando neste momento como esporte – se afastou dos aspectos lúdicos do jogo, perdendo sua inocência. Essa comparação também é feita à arte, que passou de função vital na sociedade para ocupação autônoma própria de indivíduos, os artistas. Isto fez com que a arte se tornasse autoconsciente, podendo perder sua inocência infantil, e esse processo de perda também pode ser visto no esporte, ao este se afastar cada vez mais dos aspectos lúdicos do jogo (Amorim, 2014, p. 21).
- E. Conceituação de arte: segundo Pareyson (Amorim, 2014, p. 47-48), esta envolve duas divisões: (a) atividade específica do ser humano, a arte por ela mesma; (b) traços e características presentes em toda e qualquer atividade humana, representando não uma atividade em si, com o significado de atividade cotidiana executada com esmero e com dedicação.
- F. Autoria da obra: quem é o autor? No âmbito do futebol: o jogador, técnico, árbitro? No teatro: o dramaturgo, o diretor, o ator, cenógrafo, figurinista? Na dança: o coreógrafo, o dançarino, o autor da música? (Amorim, 2014, p. 50)

Outro argumento de comparação, ocorre entre teatro e futebol é: “porque um determinado público abandona o hábito de ir a eventos teatrais, portanto artísticos, e passa a frequentar eventos esportivos?” (Amorim, 2014, p. 51).

A lógica aqui é que “há uma substituição de uma atividade por outra da mesma natureza”, que tenham pontos de similaridade entre si, satisfazendo uma mesma necessidade. Outra semelhança entre teatro e futebol é o fato de que o teatro envolve uma atividade de fazer e uma atividade de ver, bem como o futebol (Amorim, 2014, p. 52).

Partindo da ideia de que futebol é arte, assim como o teatro, a autora verifica o espetáculo do futebol partindo da análise de elementos cênicos como espaço, tempo, maquiagem, adereços. Além disso, aborda outros aspectos como os agentes criadores (árbitros, equipe técnica, jornalistas) e suas funções no processo de criação do espetáculo, e também trata da dramaturgia dos atores (jogadores e torcedores).

O terceiro e último capítulo traz como título “Dramaturgia do futebol: do campo ao texto” e aborda mais a fundo sobre as comparações entre os elementos dramáticos presentes no teatro e nas partidas de futebol.

Desta maneira, comparando futebol e teatro, a autora coloca que “no futebol encontramos uma dramaturgia que parte do drama, e não uma dramaturgia que constrói o drama, forma pelo qual estamos acostumados no teatro” (Amorim, 2014, p. 106).

Neste capítulo Amorim irá tratar das diferentes formas de recepção de uma partida de futebol: in loco, rádio, televisão ou internet.

Assim, a dramaturgia do jogo de futebol passa pelos crivos de interpretação e narrativa do torcedor, do juiz, do comentarista, do locutor, do apresentador, do repórter, entre outros.

Também, pode-se colocar que o suspense, a incredibilidade das ações e a criação de expectativas são alguns elementos estruturais passíveis de serem analisados dentro do espetáculo futebolístico (Amorim, 2014, p. 124). De acordo com a autora:

O que vai emprestar à narração da partida de futebol um caráter dramático são os elementos contidas nela própria, que vão construir um desenho de começo, meio e fim, momentos de maior e menor tensão, geração de expectativas e sobretudo o interesse do público envolvido com estes eventos (Amorim, 2014, p. 115).

O subtítulo deste terceiro e último capítulo é “A catarse no futebol: os processos

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

de identificação” e traz consigo informações muito interessantes sobre a satisfação promovida pelo futebol, que é diferente da prática teatral e pode estar relacionada ao fato de que no futebol a representação social é vivenciada por seus agentes (torcedores, jogadores, técnicos).

Sobre isso Amorim diz que: “No teatro, o espectador pode se identificar com um personagem vencedor, por exemplo, mas no futebol, com a vitória de seu time ele é de fato o vencedor” (Amorim, 2014, p. 127).

Após a leitura da obra verifica-se que a autora empregou alguns termos ligados à sociologia de Pierre Bourdieu, esse autor não é citado em nenhum momento em seu trabalho.

A autora atingiu seus objetivos, comparando o futebol ao teatro. Ao argumentar sobre o fato do futebol ser arte ou não, empregou definições que permitiram questionar também as próprias manifestações artísticas serem de fato arte ou não.

Inicialmente, sua abordagem histórica e a comparação com o carnaval mereciam uma revisão bibliográfica mais diversificada. Porém, isso não parece ter afetado a comparação do futebol aos aspectos cênicos e dramáticos, que era o foco principal do trabalho.

Por fim, a autora defende uma dramaturgia própria do espetáculo futebolístico. Isso significa que futebol não é teatro, pois as diferenças foram bem evidenciadas ao longo da pesquisa. Entretanto, futebol e teatro são duas experiências que atuam numa dimensão cultural muito próxima, e, vez ou outra, se confundem e se completam (Amorim, 2014, p. 141).

Por fim, coloca-se que o trabalho elaborado por Amorim não responde à sua pergunta inicial de forma positiva e nem de maneira negativa, pois não se encontrou argumentos suficientes que permitissem classificar o futebol como um objeto artístico e nem o contrário.

Recomendamos a leitura dessa obra pois acreditamos que ela pode agregar conhecimento de uma forma relevante, principalmente para campos interdisciplinares, pois a mesma trata sobre esporte, arte, história e a relação do ser humano com rituais sagrados.

Pudemos constatar também que o texto possui uma estrutura bem construída e fluída, não se tornando cansativo para o leitor.

REFERÊNCIA

Amorim, A.S. Futebol x Teatro: rito, cena e dramaturgia do espetáculo futebolístico. Jundiaí. Paco Editorial. 2014. p. 148.

Recebido para publicação em 11/08/2017
Aceito em 13/11/2017